

O PÓS MORTE CELTA EM CONTRAPOSIÇÃO AO INFERNO DE DANTE

THE CELTIC AFTERLIFE AGAINST DANTE'S HELL

EL MÁS ALLÁ CELTA CONTRA EL INFIERNO DE DANTE

Philip Bernardo de Souza Santos¹

RESUMO: A mitologia celta, pouco conhecida pela sociedade atual do século XXI, devido aos mistérios que a cercam pela forma como sua história foi perpassada através dos séculos, será tema de pesquisa nesse trabalho juntamente com o universo criado por Dante em a “Divina Comédia”, o qual une elementos da mitologia cristã e mitologia grega para a construção do que chamaremos aqui de mitologia dantesca, assim com o intuito de investigar e comparar a representação do conceito de inferno em ambas, mitologia e obra, será utilizado de artigos e pesquisas realizadas dentro das áreas de Literatura e História para que dessa forma seja possível relatar as diferenças bem como a verossimilhança entre os submundos e suas cosmologias.

Palavra-chave: Cosmologia. Dante Alighieri. Divina Comédia. Mitologia Celta. Submundo.

ABSTRACT: Celtic mythology, little known by the current society of the 21st century, due to the mysteries that surround it by the way its history was passed through the centuries, will be the subject of research in this work together with the universe created by Dante in the “Divine Comedy”, which unites elements of Christian mythology and Greek mythology for the construction of what we will call here Dantesque mythology, so in order to investigate and compare the representation of the concept of hell in both mythology and work, it will be used articles and research carried out within of the areas of Literature and History so that in this way it is possible to report the differences as well as the verisimilitude between the underworlds and their cosmologies.

Keyword: Cosmology. Dante Alighieri. Divine Comedy. Celtic Mythology. Underworld.

RESUMEN: La mitología celta, poco conocida por la sociedad actual del siglo XXI, debido a los misterios que la envuelven por el modo en que transcurrió su historia a través de los siglos, será objeto de investigación en este trabajo junto al universo creado por Dante en el “Divina Comedia”, que une elementos de la mitología cristiana y la mitología griega para la construcción de lo que llamaremos aquí mitología dantesca, por lo que con el fin de indagar y comparar la representación del concepto de infierno tanto en la mitología como en la obra, se realizaron artículos e investigaciones. dentro de las áreas de Literatura e Historia para que de esta manera sea posible reportar las diferencias así como la verosimilitud entre los inframundos y sus cosmologías.

Palabra clave: Cosmología. Dante Alighieri. Divina Comedia. Mitología Celta. Inframundo.

¹ Graduado em História, Centro Universitário Cesumar (Unicesumar) – Maringá. Graduando de Letras Português com especialização em Literatura Portuguesa. Universidade Federal do Paraná (UFPR). Linha de pesquisa: Literatura Histórica. E-mail: s.santosphilip@gmail.com

I. INTRODUÇÃO

A mitologia ao contrário do que muitos pensam não é algo concreto, o que atualmente consideramos como mito há alguns séculos eram apenas crenças, da mesma forma que é possível que as nossas crenças atuais algum dia se tornem mitos.

A mitologia, em si, nada mais é do que uma crença popular criada com o intuito de explicar algum evento sobrenatural ou natural que seria racionalmente inexplicável na época, analisando as civilizações antigas é compreensível que os mitos e fábulas sejam “a primeira linguagem, a da infância da humanidade, a ingenuidade da ignorância” (DETIENNE, 1998, p.10), onde para esses povos tudo o que não possuía uma explicação lógica automaticamente ganhava uma explicação mítica.

Contudo a origem das mitologias vem sendo tópicos de pesquisa a anos criando-se diversas teorias, como é o exemplo da teoria histórica onde afirma que é possível que todas as personagens mencionadas nas mitologias pagãs, foram seres humanos reais e que as lendas e fabulas surgiram pelo acréscimo de detalhes a cada vez que a história era contada para que ela ficasse impressionante aos olhos dos que ouviam os relatos.

Existe também a existência da teoria alegórica que afirma que todos os mitos antigos, eram alegóricos e simbólicos contendo algum ensinamento moral, religioso, filosófico ou histórico, mas que com decorrer dos séculos, esses contos passaram a ser interpretados de forma literal.

Vale ressaltar que é possível que todas essas teorias não só possam se complementar como carregar um fundo de verdade, uma vez que as civilizações antigas possuíam uma cultura oral e o registro escrito era pouco utilizado e quando o feito tinha muitas vezes o caráter religioso ou místico, foi apenas posteriormente com a chegada da cultura letrada que essas civilizações passaram a fazer registros escritos.

Uma das civilizações pagãs que é possível citar são os Vikings que passavam oralmente suas crenças e tradições para as gerações futuras e tinham suas histórias contadas por skalds – bardos escandinavos – que recitavam poemas ou narravam às façanhas dos reis e grandiosos vikings.

Escaldos (skalds) eram os bardos e poetas da nação, classe de homens muito importante [...] ainda no estágio primitivo da civilização. Eram os depositários de todas as narrativas históricas, e sua função consistia em misturar algo de deleite intelectual com os rudes festins dos guerreiros, lembrando, através das obras de poesia e de música, que estavam a seu alcance executar as façanhas dos heróis vivos ou mortos. – (Bulfinch, 2006 pg. 330).

A classe dos bardos, menestréis ou trovadores, sempre esteve presente nas civilizações antigas uma vez que eram eles que viajavam por todo o território cantando ou declamando poesias sobre eventos ou historias daquela civilização, sabe-se que muitos contos que se mantêm vivos até hoje se dão por conta da existência dessa classe que passou essas histórias oralmente de geração em geração, fazendo com que elas não se perdessem no tempo e fosse possível que elas fossem eternizadas através da escrita.

Sobre a escrita dos vikings esta era chamada de caracteres rúnicos ou runas e tinham como principal finalidade a magia; elas eram usadas para pedir a proteção de infortúnios (caracteres benignos), pedir e causar o mal aos seus inimigos (caracteres malignos ou amargos) existia ainda as com caracteres medicinais ou de adivinhação e as que buscavam a conquista do amor. “Em épocas posteriores passaram a ser

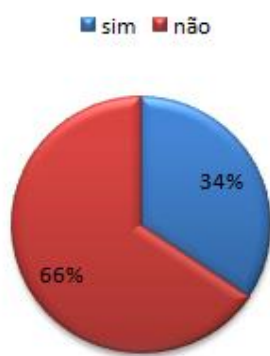
empregadas em inscrições, mas, foram encontradas pouquíssimas capazes de trazer qualquer esclarecimento sobre fatos históricos.” (BULFINCH, 2006. pg. 330).

A civilização Celta, assim como a Nórdica, apresentava uma cultura oral dessa forma grande parte do que sabemos dessa civilização veio do patrimônio deixado por eles ou dos registros feitos pelas civilizações letradas, como gregos e romanos, em épocas posteriores, assim o registro mais importante que se sabe sobre a civilização celta foi escrito por Júlio César no livro IV, em que ele faz uma interpretação do que seriam as religiões politeístas célticas.

[...] dos dados da Arqueologia, sabemos dos celtas antigos apenas o que os gregos e romanos disseram deles. Isso porque eles, Celtas, não usam a escrita para registrar suas narrativas mitológicas, tão pouco seus textos sagrados ou seus tratados de medicina. (Apud Funari, 2009).

Entretanto é necessário ressaltar que não eram apenas as civilizações antigas se baseavam em mitos, a existência da teoria bíblica ou teoria das escrituras para explicar a existência de mitos é um exemplo disso, onde se justifica que as lendas mitológicas tenham origem nas narrativas das escrituras e que elas foram distorcidas e alteradas pelas diversas civilizações, porém, as histórias das escrituras remontam de séculos antes da sua “criação”, assim podemos compreender que as escrituras bíblicas também são um tipo de mito, uma vez que elas se baseiem na cultura oral hebraica (velho testamento) e cristã (novo testamento), mas de acordo com uma pesquisa realizada com 121 pessoas (GRAFICO 1 e 2) foi possível notar que tanto praticantes quanto não praticantes dessa religião, não a consideram como um mito, mas sim como eventos que realmente aconteceram, pelo fato das escrituras fazerem parte da construção socioreligiosa de grande parte da civilização do século XXI.

GRAFICO 1 – O VELHO TESTAMENTO MITO OU REAL?



FONTE: PESQUISA PÚBLICA (2020)

GRAFICO 2 – NOVO TESTAMENTO MITO OU REAL?



FONTE: PESQUISA PÚBLICA (2020)

Essa resposta é facilmente explicável visto que mitologia atualmente é usada para classificar uma religião ou a história de povo que já “não existe” e sempre são tomadas como exemplos de mitologia, as histórias de civilizações como Gregos, Romanos ou Nórdicos, por esse motivo “hoje todos parecem saber que não há povo cuja história não tenha começado com fabulas ou com a mitologia [...] e sabemos o quanto a questão da mitologia se confunde na mente de alguns pensadores” (DETIENNE, 1998. pg. 9).

Dante Alighieri, por exemplo, utiliza-se da sua crença católica e da mitologia grega para escrever sua obra *Divina Comédia*, onde utilizasse dessas concepções e mesclando-as cria o que chamaremos de *Mitologia Dantesca*, também é possível notar que Dante se utiliza das três teorias do estudo da mitologia e as empregadas de forma concisa e simultânea em toda sua obra.

2. CIVILIZAÇÃO CELTA

Pela inexistência de dados e documentos originais, grande parte da história dos celtas é hipotética, o que se sabe das civilizações celtas é que eram um povo indo-europeu que se espalhou por toda Europa conquistando e se misturando com os povos conquistados, por esse motivo o desenvolvimento dessa sociedade é complexo, visto que, em todo continente havia “fragmentos” dessa civilização e cada “fragmento” era diferente um do outro em diversos aspectos.

As civilizações de todos esses povos híbridos estão separadas por séculos e o desenvolvimento dessas sociedades célticas foi muito desigual, tanto no tempo como no espaço, não evoluindo todos ao mesmo tempo, mas sim em razão do seu contato com o mediterrâneo, sendo a sociedade irlandesa a que se conservou arcaica mais tempo que os outros povos célticos. (Lamas 1972-73)

Os celtas deixaram numerosos monumentos e elementos religiosos, mas pouquíssimos textos escritos, isso se dá porque a cultura celta antiga é uma cultura oral, visto que a escrita, para eles, era um meio sagrado de comunicação com os deuses, dessa forma grande parte do que sabemos dessa civilização veio dos patrimônios deixados pelos antigos celtas.

Os monumentos figurativos, descobertos nos países célticos – estatuas, estatuetas, baixos-relevos e moedas – que constituem, ainda, a melhor fonte para o conhecimento sempre relativo, desta mitologia. (Lamas 1972-73)

Relatos da civilização celta e de sua mitologia também podem ser encontrados em suposições feitas com base nos folclores passados de geração em geração, mas que não são tão exatos;

São inevitáveis as lacunas e os pontos obscuros, porque, muitas vezes, o mito transforma-se num simples tema de folclore e é introduzido nos contos populares, perdendo os traços autênticos. (Lamas 1972-73)

Quanto aos mitos e tradições é possível perceber que apesar de ser uma civilização fragmentada em vários conjuntos de sociedades, algumas características se manterão em todas elas, como é o caso do simbolismo do número três e seus múltiplos que eram sagrados, além da concepção da vida pós-morte.

3. COSMOLOGIA CELTA E ESQUEMA INFERNO

Ao avaliarmos a estrutura da mitologia céltica podemos notar o simbolismo sagrado do número três, pois representava para eles não apenas às fases da Deusa Tríplice (Donzela, Mãe e Anciã), como as fases da lua (crescente, cheia e minguante), para os celtas a lua nova, momento em que a lua não é visível no céu, era visto como um momento de escuridão (trevas) e não como uma das fases lunar, ele também simbolizava os três Reinos Celtas [Figura 3] que eram divididos entre *céu*, *terra* e *mar*.

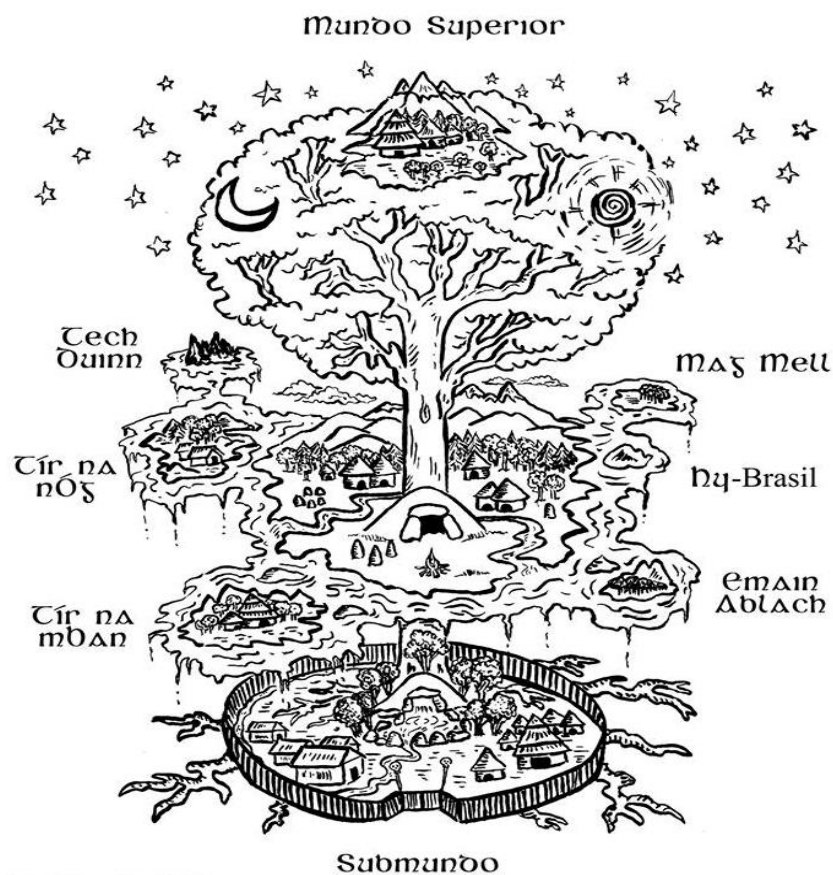
No céu ou mundo superior seria a morada do Sol, da Lua, das estrelas e das chuvas que fertilizam o solo, assim para os celtas o reino superior seria o reino natural, onde as forças da natureza habitam.

A Terra é a que provém aos seres humanos, com a ajuda das forças superiores, o seu sustento ela também é considerada como reino mortal por ser o local onde os seres humanos vivem.

Já o Mar é a água que cerca o mundo mortal, aquela que sacia a sede e impede que tudo na terra pereça, a água também representa o caminho que se deve atravessar para chegar a um dos seis Sidh, para chegar aos portais para o Outro Mundo (mundo dos mortos ou o submundo, onde os Deuses e as almas dos mortos vivem).

O mundo dos mortos na mitologia celta é idêntico ao mundo mortal em suas características físicas, não se diferenciando em nada, pode-se constatar isso ao analisar o conto Pwyll no outro mundo que conta a história da troca (inversão de papéis) do rei dos mortos e do rei dos vivos.

FIGURA 3 – REPRESENTAÇÃO DA COSMOLOGIA CELTA



2016 Osvaldo R Feres

Osvaldo R. Feres(2016)

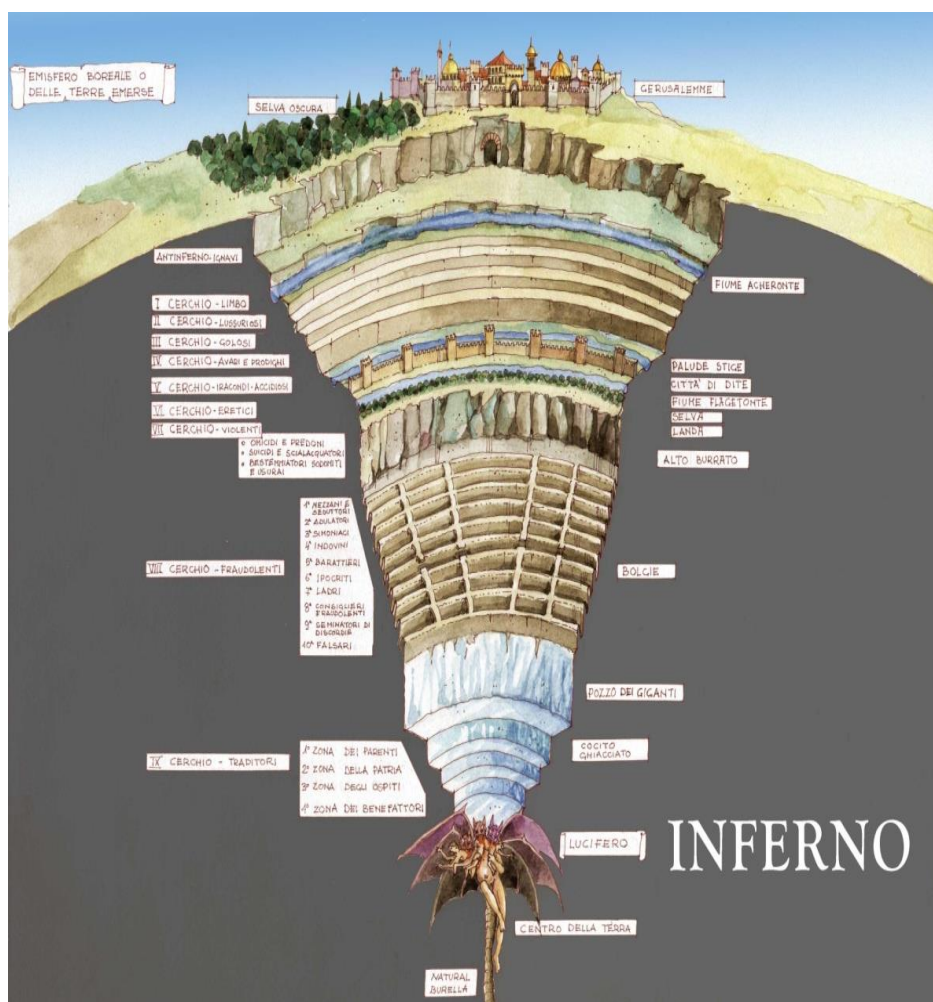
A Divina Comédia, por mais distante que se encontra da mitologia celta apresenta características muitos similares, ao analisar a cosmologia dantesca [Figura 5] é possível ver que ela utiliza muitas vezes o número três e seus múltiplos, além das definições cosmológicas, seguindo como base as visões de Aristóteles e Ptolomeu quando a representação de uma terra imóvel e fixa no espaço.

Esse globo constituído por um hemisfério superior de superfície sólida, que correspondia ao oriente e tinha como centro a cidade de Jerusalém era o único habitado, e o inferior de superfície toda marinha, sendo o centro o inferno e se elevando de seu centro à montanha do Purgatório. À volta dessa terra imóvel circulavam, cada qual em sua órbita, a Lua, Mercúrio, Vênus, o Sol, Marte Júpiter e Saturno, todos como planetas e acima delas, o céu de estrelas fixas. (Italo Eugenio Mauro 2004)

O universo da divina comédia é dividido em três reinos do Além os quais são *Inferno, Purgatório e Paraíso*.

O Inferno possui nove círculos infernais que são repartidos segundo a quebra dos três ordenamentos morais *incontinência, violência e fraude*, é nesse reino que há a consideração da culpa e o pagamento por essa culpa (pecado). O esquema do inferno é o de um cone de ponta cabeça [Figura 4], começando no Anti-inferno ou vestibulo e terminando no nono círculo onde Lúcifer se encontra.

FIGURA 4 – REPRESENTAÇÃO DO INFERNO DE DANTE



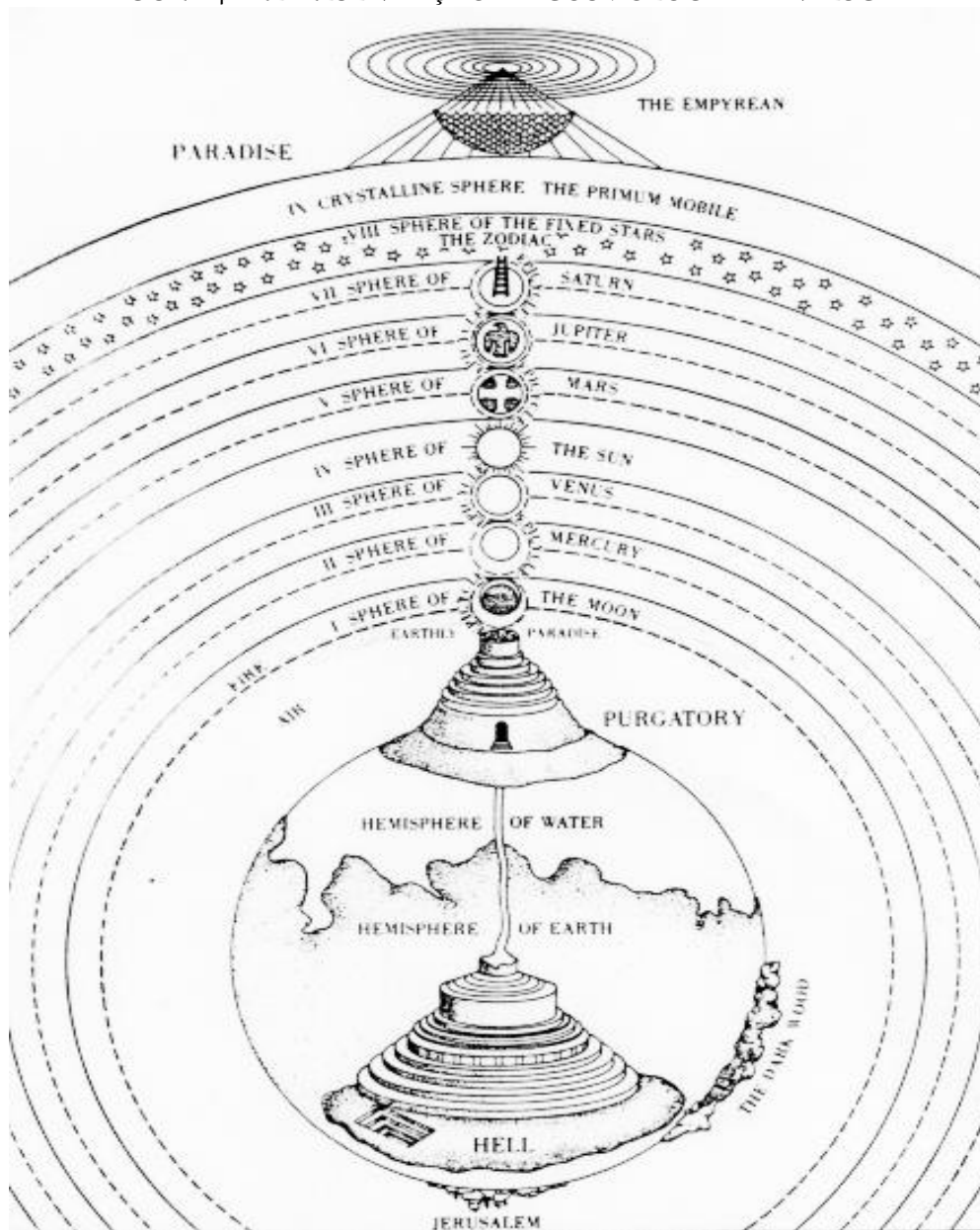
(Tosi s.d.)

Saindo do centro da terra está a entrada para o Purgatório, o qual possui sete degraus, que representam os sete pecados capitais, estes serão dividido em três seguindo a quebra do ordenamento moral do amor, esses serão *Amor por mau objeto*

(Quando se dirige ou deseja o mal alheio - Soberba, Inveja e Ira), Amor (ao bem primário - Deus) com pouco vigor (Preguiça) e Amor (aos bens secundário) com muito vigor (avareza, gula e luxúria), seu formato, assim como o do inferno é o de um cone, mas de cabeça para cima, que acende em direção aos céus onde estão as portas do Paraíso, é nesse reino que o arrependimento e a expiação das tendências pecaminosas tendem a ser purificadas para receber a graça divina.

E por último está o reino do Paraíso que é composto por nove círculos angélicos, não existe ordenamento moral no paraíso, visto que todas são almas beatas, o que diferencia cada alma no paraíso é o seu grau conhecimento e proximidade de Deus, todas são igualmente felizes, contudo cada uma ao seu modo. Esse reino é representado por planetas e estrelas, visto que cada um de seus círculos é representado por um planeta fixo no universo.

FIGURA 4 - REPRESENTAÇÃO DA COSMOLOGIA DANTESCA



(Alighieri, Divina Comédia - Inferno 2008)

3. PÓS-MORTE CELTA E O INFERNO DANTESCO

Ao falar sobre o submundo céltico, existem poucas informações, mas todas relatam a existência de um “*Outro mundo*” que seria o local de descanso para as almas daqueles que partiram e um local eterno para as almas imortais.

A imortalidade da alma é adquirida por todos os defuntos, quaisquer que sejam, que passem para o Outro mundo. (Roux, 1999)

O submundo celta difere-se do submundo dantesco, em vários sentidos, as almas imortais celtas não sofrem punições, suas vidas pós-morte são repletas de alegria e de prazeres mortais, além dos castigos e punições por seus pecados serem pagos em vida, pois para a crença celta, não existiam inferno ou purgatório, no Além existia apenas o paraíso.

[...] o Outro Mundo é um paraíso, mas nele não existe nem Inferno nem Purgatório. **Entre os celtas não se conhece nem o pecado (noção cristão), nem a transgressão (noção pré-cristã).** Os castigos dos maus são resolvidos em vida. (Apud Roux 1999)

Para Dante por outro lado as noções de Inferno, Purgatório e Paraíso são bem definidas:

O Inferno é composto pelo vestibulo, onde ficam aqueles que não praticaram o mal, mas foram coniventes com ele, e pelo que Dante intitulara de nove círculos do inferno, cada circulo fará parte de uma das três tendências ao mal (incontinência, violência, fraude – comum e traição), e elas perpassaram do mais simples (incontinência - 1º circulo) ao mais grave (Fraude por traição – 9º circulo), a gravidade dos pecados é proporcional a violação progressiva dos *sentidos* (incontinência), da *vontade* (violência) e da *razão* (fraude) e quanto mais grave as transgressões mais próximo da boca de Lúcifer estará e pior será sua punição;

O inferno, no qual as paixões são exasperadas na perspectiva da eternidade sem esperança, é mais impetuoso e dramático; quase cravado às suas paixões – que o horror do lugar acentua – os pecadores, mas ainda do que Deus, desejam a «vida bela». (Sansone 1956)

O purgatório, por sua vez, é composto pelo ante-purgatório onde as almas esperam seu tempo de vida para poderem entrar de fato no purgatório, a descrição que possuímos dele corresponde a um “monte” com sete degraus, que representam os sete pecados capitais, sendo o *Orgulho* o pior dos pecados capitais e *Luxuria* o mais leve, uma vez que nele existe a concepção de um sistema para ascensão ao Paraíso que não existe no Inferno, esse sistema leva como base a idéia de sofrimento como forma de purificação, onde as almas devem passar pelos sete graus, onde ficaram por tempo indeterminado, até esteja completamente livre daquele pecado e é nesse processo que começaram a perder sua noção individual em função da coletiva;

O Paraíso é, assim como a mitologia celta, um local de felicidade eterna, porém a felicidade nesse caso é a felicidade através do conhecimento e não através do prazer, conhecimento esse que transmitido coletivamente por Deus, o paraíso assim como o inferno possui nove círculos, que serão chamados de nove círculos angélicos e onde cada círculo correspondera à proximidade que a alma terá do criador e consequentemente do conhecimento universal absoluto.

Apesar dessas diferenças, podemos encontrar verossimilhanças entre o Outro Mundo celta e a obra de Dante, um exemplo disso é a forma como as almas são levadas ao pós vida.

Na mitologia celta temos a presença de um barqueiro leva as almas dos mortos ao portal do Outro mundo.

Uma voz desconhecida desperta em plena noite o barqueiro que encontra sua barca cheia de quase ir a pique sem que ele veja ninguém dentro dela. Ele só tem que segurar o leme, a barca parte sozinha e chega à ilha, mais rápida do que quando sai para a pesca. Os passageiros desembarcam um a um á chamada de seus nomes, suas tribos, de seus parentes, sem que seja possível distinguir uma alma viva. (Launay 1978)

Na divina comedia, por sua vez, é Caronte [Figura 1] aquele que leva as almas dos mortos que se encontram no vestibulo para seu julgamento que será feito por Minos.

Chegava agora um barco e, em seu governo, um homem, branco por antigos pêlo, gritando: “Almas ruins! Castigo eterno pra vós. Abandonai do céu o anelo; vim levar-vos, pra lá desta corrente, a treva sempiterna, ao fogo, ao gelo. [...] E as almas nuas, em sua lassitude vi descorarem num tremor violento ao ouvir de Caronte a fala rude. (Alighieri, A Divina Comédia - Inferno 2004)

FIGURA 1 – CARONTE [2]



Gustave Doré (séc XIX).

Como já dito o Inferno celta, gira em torno dos prazeres carnais, os quais diferem dependendo da classe que a alma possuía em vida, aqueles que morreram em uma vida comum recebem a paz e os prazeres da gula e da luxuria em abundância, enquanto que a classe guerreira teria direito a fartura em alimentos, bebidas, lutas e honras.

² Figura 1 – Caronte chegando ao vestibulo para recolher as almas que seriam levadas a suas punições em um dos nove círculos. Ilustração de Gustave Doré (séc XIX). (Alighieri, A Divina Comédia - Inferno 1979)

[...] nas narrativas épicas o *Sidh* é um lugar de batalhas e guerras, porque as lendas se dirigem sobretudo a membros da classe guerreira e a paz não está nos seus hábitos. O Outro Mundo celta é um paraíso guerreiro. (Roux 1999)

Podemos comparar a pós-vida dos guerreiros celtas com a dos guerreiros germânicos que se destinam a Valhalla (Salão dos mortos nórdicos)

Valhalla ou Valhöll é o palácio Einherjar um lugar onde metade dos Vikings que morreram em uma batalha viria para a vida após a morte. Todas as manhãs, os Vikings em Valhalla levariam suas armas e colocam suas armaduras para irem às grandes planícies de Asgard para lutam, durante a batalha não se importavam de terem seus braços, pernas ou cabeça cortadas, isso porque ao anoitecer seriam todos restaurados ao normal, para poderem desfrutar do banquete e da bebida. (Mitologia Nordica s.d.)

O *Sidh* ou *Sid* (Outro Mundo ou Fissuras para o Outro Mundo) é um lugar imutável e infinito que não sofre a ação do tempo ou as contingências do espaço, os dias passados em seus domínios podem ser o mesmo que anos no domínio mortal e nunca apresentará mudanças como, por exemplo, as estações.

O *Sidh* é um mundo feliz e alegre, onde o sofrimento e as necessidades não existem e a vida passa entre os prazeres de todos os tipos. Ele é encontrado em todo lugar e em ninguém ao mesmo tempo e também pode ser entendido como o mundo para o qual o falecido vem após a terceira morte³ (Tradução Santos, P.B.S.)

Entre todos os contos heróicos célticos a *Navegação de Bran* é o mais conhecido, a história de um jovem príncipe que parte em uma viagem com seus homens para a ilha de Emne onde ficam por um longo período até sentirem saudade de seu país, porém ao decidem retornar a Irlanda são advertidos de que não deveriam tocar o solo irlandês, mas o irmão de Bran, ao desembarcar se transforma em pó. Isso ocorreu porque Bran e seus homens passaram anos no *Sidh* o que fez com que o tempo parasse para eles, assim ao tocarem em domínios mortais o tempo antes parado volta a correr tomando todo o tempo que esteve parado em poucos segundo.

Vemos então que todos os contos celtas descrevem de alguma forma a relação entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, por isso Henri Hubert ao descrever a mitologia celta a intitula como *os mitos da morte*.

Todos estes relatos fazem parte de um ciclo mais vasto que poderia ser chamado de os mitos da morte, onde a própria origem da raça humana está relacionada com o mundo dos mortos, por um processo perpétuo de intercâmbio entre este mundo e o mundo dos vivos.^[4] (Tradução Santos, P.B.S.)

Em compensação o Inferno dantesco gira em torno de castigos tortuosos como punição dos pecados, como é possível ver no canto XIV quando ao chegar à divisa

³ Sidh è un mondo felice e gioioso, dove non esistono sofferenze e bisogni e la vita trascorre tra piaceri di ogni tipo. Si trova in ogni luogo e in nessuno contemporaneamente e potrebbe anche essere inteso come il mondo al quale giunge il defunto dopo la terza morte, a patto che in terra sia riuscito a raggiungere il massimo livello di coscienza. (El-Mouelhy 2009) [Tradução automática feitas pelo Google]

⁴ Todos estos relatos forman parte de un ciclo más vasto que se podría llamar el de los mitos de la muerte, en los que el propio origen de la raza está relacionado con el mundo de los muertos por un proceso perpetuo de intercambios entre eses mundo y el de los vivientes. [Texto original de (Hubert, Los celtas y la expansion celtica: hasta la epoca de la tene 1957), Tradução livre feita por Philip B. S. Santos]

entre o 2º e 3º giro do sétimo círculo, Dante se defronta com um deserto estéril e sem vida [Figura 2], onde a areia grossa e quente que é atingida constantemente por brasas, que caem lentamente como flocos de neve e que ao atingir o chão arenoso o aquecem aumentando a dor das almas nuas dos violentos que se encontram ali, esse deserto é o oposto da *arte* e da *natureza* do mundo criado por *Deus* e que simbolizam a quebra/pecado que essas almas cometeram, por esse motivo eles são divididos em três grupos que sofrem diferentes castigos de acordo com o pecado que cometeram:

O primeiro grupo está deitado de costas na areia fervente, esses são os blasfemos que insultaram ou ofenderam o que é considerado sagrado (*violência contra Deus*);

Sofrem deitados no areão. Não podendo se levantar, são "condecorados" com brasas que se acumulam nos seus peitos em homenagem ao seu orgulho e vaidade (Alighieri, *The Comedy of Dante Alighieri the Florentine: Hell (L'Inferno)* 1949)

O segundo grupo que está de cócoras no chão são os usurários aqueles que valorizaram os bens materiais e o status acima dos valores eternos (*violência contra arte*);

A Arte (criação e o trabalho do homem) e a Natureza (criação de Deus que inclui o homem) são as únicas verdadeiras riquezas. A compra e venda do dinheiro como se fosse uma mercadoria (agiotagem, usura) produz apenas uma riqueza espúria, e resulta em danos à terra (Natureza) e à exploração do trabalho (Arte). Como a Arte deriva da Natureza e a Natureza deriva de Deus, a usura é vista como uma ofensa a Deus. (Alighieri, *The Comedy of Dante Alighieri the Florentine: Hell (L'Inferno)* 1949)

No terceiro grupo, estão os que caminham sem descanso, estes são os sodomitas, que são condenados a andar pela eternidade na areia fervente por ofenderem a deus ao irem contra sua natureza ao se deitarem com pessoas do mesmo sexo e praticarem coito anal (*violência contra a natureza*).

Os que ofendem a Deus por agir contra a ordem da Natureza, correm sem nunca poder parar sobre o areão incandescente, o seu estado de correr sem destino pode ser uma representação, em um nível mais baixo, da punição dos luxuriosos do segundo círculo. (Alighieri, *The Comedy of Dante Alighieri the Florentine: Hell (L'Inferno)* 1949)

FIGURA 2 – PUNIÇÃO DOS VIOLENTOS



[5]

⁵ Os que praticaram violência contra Deus, a natureza e a arte sofrem em um deserto incandescente e são torturados por chuvas de brasas. Ilustração de Gustave Doré (séc XIX). (Alighieri, *A Divina Comédia - Inferno* 1979)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O referencial teórico do presente estudo pretendeu entender as diferenças e as semelhanças mais aparentes do pós-morte Celta em contraposição ao inferno de Dante, a partir da análise de artigos, editoriais, pesquisas e da leitura e análise da obra original, além das interpretações de seus mapas cosmológicos que foram de extrema importância para essa pesquisa.

Para se atingir uma compreensão entre a diferença na pós-vida de ambas as mitologias, definiu-se três objetivos específicos. O primeiro tinha como objetivo compreender o que era Mitologia e como ela é classificada na perspectiva histórica e literária. Depois, foi preciso analisar mais precisamente a concepção do que é o submundo e se há a existência de julgamento no pós-morte Celta, assim como existia na Divina Comédia, com isso foi possível verificar que nesse sentido ambas são extremamente diferentes, pois para os Celtas as almas mortais deviam pagar seus pecados em terra e quando morressem apenas desfrutariam dos prazeres terrenos aos quais teriam direito, já para Dante os pecados deveriam ser pagos pelas almas mortais após sua morte e para alguns o sofrimento e castigo da alma era eterno dependendo de suas transgressões terrenas, além disso, a análise comparativa de seus mapas cosmológicos deixou claro a semelhança de suas estruturas, principalmente relacionado ao simbolismo presente em ambos ao se utilizarem do número três e seus múltiplos, que não apenas são sagrado para os celtas como para Dante.

Com isso, a hipótese de que os dois submundos são opostos um ao outro se confirmou até determinado ponto, pois mesmo completamente diferentes em suas características, eles apresentam sim, singularidades que podem ser encontradas em qualquer mitologia.

Sendo assim, iniciativas como a do presente estudo, tem como princípio buscar não apenas a união de campos diversos do conhecimento, como o caso da literatura e da historiologia, como também contribuir com a busca por novos documentos que dê informações sobre culturas já dadas como mortas e como elas podem ser interligadas com obras datadas séculos após seu desaparecimento.

REFERÊNCIA

A Europa redescobre os Celtas. Rev Planeta, n.202, p.33, jul.

Alighieri, Dante. *A Divina Comédia – Inferno*. Edição de Colecionador. Vol. I. Rio de Janeiro: Editora Fases Ltda, 1979.

—. *A Divina Comédia – Inferno*. 12^o Edição. Tradução e notas de Ítalo Eugênio Mauro. Vol. I. São Paulo: Editora 34 Ltda, 2004.

—. *Divina Comédia – Inferno*. 6^o Edição. Tradução: Manuel Marques Braga. Vol. I. Lisboa: Editora Sá da Costa, 2008.

—. *The Comedy of Dante Alighieri the Florentine: Hell (L'Inferno)*. Translation and notes by Dorothy Sayers. Vol. I. Penguin, EUA: Editora The Penguin Classic, 1949.

Celtas: os segredos dos Druidas. Planeta, n.230, p. 41, nov. 1991.

Contos de fadas celtas. São Paulo, SP: Landy Editora, 2005.

El-Mouelhy, Laura Mossino. *Appunti di mitologia celtica*. Grande Madre: Traduzioni & Letteratura. 28 de Junho de 2009. Disponível em <https://grandemadre.wordpress.com/2009/06/28/18/> (acesso em 27 jun 2019).

Feres, Osvaldo R. *Ogham – O Oráculo dos Druidas*. 1ª Edição. São Paulo: Alfabeto, 2018.

Funari, Pedro Paulo. *As religiões que o mundo esqueceu*. São Paulo: Contexto, 2009.

Hubert, Henri. *Los celtas y la expansion celtica: hasta la epoca de la tene*. Vol. XXIII. México: "UTEHA" (Union Tipografica Editorial Hispano Americana), 1957.

—. *Los celtas: desde la epoca de la tene y la civilizacion celtica*. Vol. II. México: "UTEHA" (Union Tipografica Editorial Hispano Americana), 1957.

Mauro, Italo Eugenio. "Notas sobre a cosmologia de Dante." *Divina Comédia*. São Paulo: Editora 34, 2004.

Knight, Sirona. *Explorando o druídismo celta: magia e rituais antigos para o fortalecimento pessoal*. São Paulo, SP: Madras, 2003.

Lamas, Maria. *Mitologia geral: o mundo dos deuses e dos herois*. 2ª Edição. Vol. V. Lisboa: Editorial Estampa, 1972-73.

Launay, Olivier. *A Civilização do Celtas*. Rio de Janeiro: O. Pierre, 1978.

1829

Léourier, Christian. *Contos e lendas da mitologia celta*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008.

Mac cana, Proinsias. *Celtic mythology*. London: Hamlyn, 1970.

Mitologia Nordica. *Valhalla na Mitologia Nórdica*. Disponível em <https://mitologia-nordica.net/cosmologia-nordica/valhalla-na-mitologia-nordica/> . Acesso em 27 jun 2019.

Haywood, John. *Os Celtas*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

O'Donohue, John; Gama, Claudia Martinelli. *Anam Cara – Um livro de sabedoria celta*. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 2000. (Arco do tempo).

Place, Robin; Rodrigues, Aulyde Soares. *Os celtas*. São Paulo, SP: Círculo do Livro, 1977.

Powell, T. G. E.. *Os celtas*. [Lisboa]: Verbo, 1965. (Coleção historia mundi; v.1)
Roux, Françoise Le. *A civilização celta*. 2ª Edição. Mira-Sintra: Publicações Europa-América, Lda, 1999.

Sansone, Mario. *História da Literatura Italiana*. 1ª Edição. Vols. III - Historia ilustrada das grandes literaturas. Lisboa: Editorial Estúdios Cor LDA, 1956.

Santi, Alexandre de. *O mapa do inferno de Dante - Uma reflexão profunda sobre o que acontece após a morte - e a obra-prima que fundou o humanismo*. Rev Super Interessante. 2015 – 2020. Disponível em <https://super.abril.com.br/cultura/o-mapa-do-inferno/> . Acesso em 09/06/2022.

Tosi, Massimo. *Inferno Dantesco*. Unione Fiorentina do Museo Casa di Dante. Disponível em http://www.worldofdante.org/inferno2_detail.html . Acesso em 27 ago 2020

Vossler, Karl. *Historia de la literatura italiana*. 2^o Edição. Barcelona - Buenos Aires: Editorial Labor S.A, 192.

Weigl, Wilson F. D.. *Ensinaamentos espirituais dos celtas: os antigos povos celtas consideravam sagrados o trabalho, o corpo, a amizade, e a natureza*. Bons Fluidos, n. 49, p. 92, jun. 2003.

Wood, Juliette. *O livro celta da vida e da morte: deuses, heróis, druidas, fadas, terras misteriosas e sabedoria dos povos celtas, um guia ilustrado*. São Paulo, SP: Pensamento, 2011.